

## John Cage - O Aleatório Contra a Alienação

TERESA PÉREZ SILVA

Se aceitássemos deixar de lado tudo o que se define como música, toda a vida se converteria em música

John Cage in *Pour les oiseaux : Entretiens avec Daniel Charles* (tradução livre)



Merce Cunningham Dance Company  
Event 1 e 2

FUNCHAL, 26 e 27 de Maio de 1981

Ballerinos

KAROLE ARMITAGE	LISE FRIEDMAN	JUDY LAZAROFF
LOUISE BURNS	ALAN GOOD	JOSEPH LENNON
ELLEN CORNFIELD	NELI GREENBERG	ROB REMLEY
MERCE CUNNINGHAM	CATHERINE KERR	ROBERT SWINSTON
SUSAN EMERY	CHRIS KOMAR	MEGAN WALKER

Músicos

JOHN CAGE	MARTIN KALVE	DAVID TUDOR
	TAKEHISA KOSUGI	

Coreógrafo

Director Musical

Director Artístico

MERCE CUNNINGHAM	JOHN CAGE	MARK LANCASTER
------------------	-----------	----------------

Chefe de Produção

CHARLES ATLAS

«Apresentados sem intervalo, estes EVENTS consistem em bailados completos, excertos do repertório, e muitas vezes novas sequências organizadas para um determinado espectáculo e local, com a possibilidade de várias actividades acontecendo ao mesmo tempo — no intuito de promover não tanto um espectáculo de bailado com a experiência da dança»

Director Executivo/Administrador da Companhia  
Director de Palco  
Assistente do Director de Palco  
Director Técnico da Tournee  
Consultor do Suen  
Assistente do Administrador da Companhia  
Administración europea  
Martin S. Cabot  
Amy Iselien  
Steven Aberg  
David Meschler  
Art Becoffsky  
Therese Barbanel  
Artservice International/Paris

Capa e página de abertura do programa dos dois espetáculos da Merce Cunningham Dance Company promovidos em Maio de 1981 no Teatro Municipal de Baltazar Dias, pelo Cine Forum do Funchal (coleção particular)

26 e 27 de Maio de 1981, 21.45h, Teatro Municipal Baltazar Dias. Em cena: John Cage com a “Merce Cunningham Company”, dois espetáculos promovidos pelo Cine Forum do Funchal.

Num apelo à memória, a esse repositório infinito de experiências guardadas no inconsciente, acendem-se luzes, surgem imagens, símbolos, sonoridades, mas sobretudo emoções: a imponente volta ao imprevisto, a precipitação no inédito, uma confrontação directa e integral com o herdado, com os sistemas convencionais de explicação e significado, o corte com os cânones, com as “prisões” estéticas vigentes, num acto inesperado e “violento”, uma confrontação com a forma como a visão melódica do mundo me foi sendo programada.

A vertigem de aprender, desaprendendo, um prelúdio a novas visões, a uma não gravidade, a uma nova velocidade de adaptação aos reflexos, às diferentes formas de sentir o sentido. A busca de outras facetas da realidade veladas pelas sombras, porque nada tem uma só face, nada tem um só rosto! E cada rosto pode ser a sua própria máscara.

Nessa outra linguagem: a musical, a modulação tem como propósito dizer algo, fazer emergir uma intenção, um efeito expressivo ou até uma não intenção.

A música foi percebida pelo seu próprio som, pela melodia, pela sua interpretação, pela fidelidade à composição, mas sobretudo pela atenção à sua construção.

E é precisamente no âmbito da melodia, da interpretação e construção da obra, que Cage introduz uma das inovações mais disruptivas nos anos 50: a procura da “obra aberta”. Para Cage a arte deve abrir-se ao quotidiano, ao aqui e agora, acabar com toda a distinção entre vida e arte, despertar a consciência e a percepção do espectador para o mundo que o rodeia, para o que já existe e lhe passa despercebido, numa nova energia de receptividade, sem o “preconceito” de um critério estético ou elitista, sem a hipnose vigente a que quase todos estamos sujeitos.

O seu objectivo é deixar que os sons fluam tal como são, sem dotá-los de intencionalidade e dar relevo ao silêncio possível ou à constatação da sua impossibilidade. Como para Cage o silêncio não existe, chega à conclusão de que não é necessária a estrutura, compondo livremente, recorrendo às técnicas do azar que determinam de forma arbitrária o ritmo, as notas, os silêncios, aceitando os ruídos como música, extirpando qualquer opinião do artista que possa influenciar a obra.

E é através da utilização do aleatório que Cage influencia toda a criação musical futura. Desta técnica surgirá grande parte da revolução da música europeia e americana, que acabou por mudar por completo a forma de ouvir música.

Uma das suas criações mais conhecidas é o “prepared piano”, que amplifica as funções deste instrumento, concedendo-lhe características equivalentes à percussão através da introdução de vários objectos entre as cordas.

John Cage é sem dúvida um dos mais influentes compositores do século XX, com um pensamento pioneiro, vanguardista e experimental que ficou demonstrado na composição de música aleatória e electroacústica. Mas a transversalidade da produção artística de Cage atinge a filosofia, a literatura, as artes visuais, transformando definitivamente a arte contemporânea..

Os seus livros *Silence*, *A Year From Monday*, *M.* e *Mushroom Book* são uma indiscutível referência.

A ligação de Cage à literatura, sobretudo à sua produção poética, transforma a linguagem musical através de signos gráficos distintos dos do pentagrama tradicional, através do estudo do “I Ching”, dos seus 64 hexagramas e da influência que a filosofia Zen exerce sobre a sua visão do mundo, em que passado, presente e futuro convivem numa mesma linha de tempo, em que viver é um constante devir, em que o mundo sonoro está em todo o lado. E é nessa chamada de atenção para o que acontece ao nosso redor que Cage reformula a forma como nos relacionamos com a música.

A mais marcante e radical composição é a célebre “4’33” apresentada em 1952, uma peça para piano em que não é tocada nenhuma nota, os sons provêm unicamente do exterior, tentando que o ouvinte dê sentido aos ruídos inorganizados. De 1952, são também as composições indeterminadas, as músicas audiovisuais, a música electrónica e o happening musical (1952 com M. Cunningham, David Tudor, Olsen Rauschemberg e outros) que ampliam e alteram o conceito da música.

29 de Maio de 2018, 37 anos depois da presença de John Cage no Funchal, a Universidade da Madeira, através da sua Faculdade de Artes e Humanidades, numa organização do Escultor, Docente e Investigador Duarte Encarnação e do Professor Catedrático da Universidade Politécnica de Valência Miguel Molina Alarcón, faz uma homenagem a John Cage intitulada: “I have nothing to say and I am saying it”. A homenagem constou de um ciclo de conferências, exibição do documentário de Eliot Caplan, *Cage/Cunningham* (1991), e de um concerto com a colaboração de docentes e músicos do Conservatório – Escola das Artes Engº Luiz Peter Clode (disponível [aqui](#)).

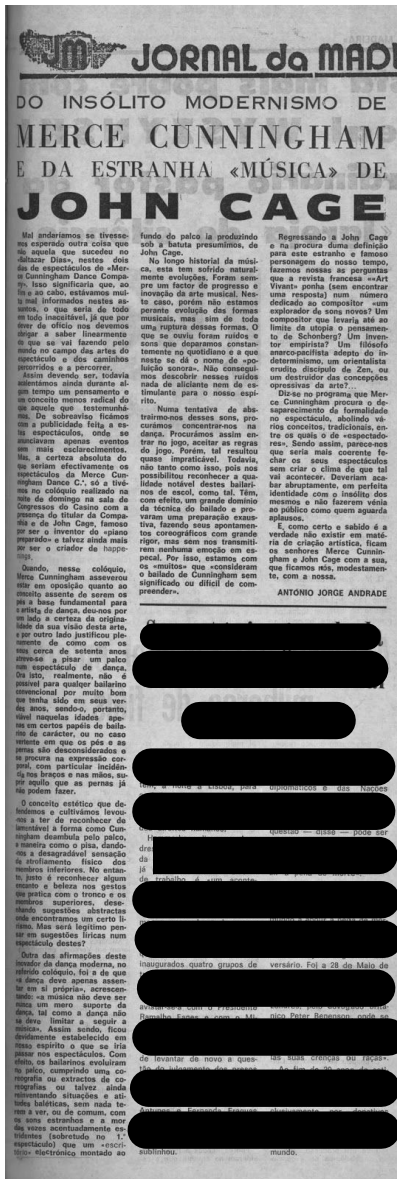
De uma qualidade inquestionável e para mim surpreendente, esta iniciativa derrota a negação do sistema vigente à abertura de visões, à incitação ao ostracismo, à obstinação na especialização.

Este evento deu-me a oportunidade de constatar que há uma geração que abandonou o institucional, o “politicamente correcto” e foi à procura da sua própria identidade, de novas linguagens, novos paradigmas, de uma nova consciência, sem cedências!

A complexidade dos diversos planos da criação só se pode abordar a partir de metodologias abertas, a partir de instâncias interdisciplinares, que revelem e problematizem, através do pensamento, o que é a raiz da experiência criativa.

Accionar a multiplicação do sentido, aspirando a uma zona de intervenção activa, que accione o pensamento crítico, onde o dito não é explícito, dá lugar à modificação, ao questionamento da verdade instituída, num circuito dialéctico de intervenção, onde a obra (musical ou não) revela o estrutural invisível.

A busca do essencial, do autêntico, da não repetição transforma a retórica vigente, derrubando a desfiguração da realidade.



Crítica aos espetáculos da companhia, assinada por António Jorge Andrade *Jornal da Madeira*, 29 mai. 1981, p. 3 (Coleção particular)

Revisitar, após 37 anos, a posta em cena de peças de Cage, com intérpretes que neutralizam a sua intervenção directa sobre o que se ouve, cimentando a perfeita introdução de todos os elementos presentes, fazendo com que o devir prevaleça de forma espontânea e prodigiosa, usando o azar de forma exemplar, deixa-me com a clara noção de que não só há um entendimento integral da ruptura de Cage com a forma como se entendia a música: a não dualidade, como também que o aleatório é o meio pelo qual nos podemos aproximar do entendimento do mundo, da consciência do presente, desactivando a mimética presente na sociedade, a alienação quase constante, desafiando a cultura da velocidade, a frenética corrida do dia a dia, anulando a destruição da surdez, o império da impaciência. E recorrendo a uma afirmação de Shakespeare para sublinhar o já dito, porque tudo está interligado: “o tempo é a via láctea dos instantes”.

37 anos depois, a plateia fundiu-se com os sons, expressando plenamente que sentir é o mais importante, derrubado os conteúdos silenciosos impostos na mente, usando-os como comunicação, numa modificação real da percepção, ou se quisermos do refinamento da auto-percepção, conseguindo plenamente o objectivo de Cage de que

as emoções surjam não dos autores mas de quem os ouve.

Em 1981, com os dois espectáculos esgotados, a maioria da plateia ficou sentada no final, sem aplaudir, numa atitude que revelava um defraudar de expectativas, como se o que foi apresentado como um concerto inovador fosse uma fraude, um embuste!

Ouvir Cage em 2018, após o choque inicial da primeira audição, reitera que a arte é um atalho inevitável para o inconsciente, que o acesso a essa grande tela virtual existe no distanciamento, na longevidade, e que a hipnotização das retinas maquilhadas é máscara descartável, acessória e de alguma forma fútil, porque no nosso ouvido fica todo um acervo indelével, e nunca mais será possível ouvir música tal como se ouvia.

Mas prefiro acabar o artigo com o espírito de John Cage, derrubando interpretações pessoais, deixando de lado o ego:

o que é importante é inserir o indivíduo no fluxo de tudo o que acontece. Para fazer isso, o muro do ego deve ser demolido; gostos, memórias e emoções devem ser debilitadas. Pode-se ter uma emoção, simplesmente não devemos pensar que é importante. Aceita-a de uma maneira que depois a possas deixar cair. Não a reelabores!"

John Cage in *Pour les oiseaux : Entretiens avec Daniel Charles* (tradução livre)

### **Teresa Pérez Silva**

Colaboradora do Cine Forum do Funchal, onde desempenhou as funções de Diretora do Departamento dos Ensinos Superiores e de Vice- Presidente para a Cultura, Teresa Pérez Silva tem formação superior em várias áreas: Master em Estudos Literários (ELM), Master em Criação Literária (ELM), Master em Narratologia (ELM), Master em PNL com Richard Bandler e pós-graduação em Gestão de Recursos Humanos (FEUC). Foi co-autora, realizadora e apresentadora do programa "Radiogramas" da RTP-Madeira/Antena 1. Entre outros projetos e atividades, Teresa Pérez Silva colaborou no semanário *Factor 5* ELM e foi coordenadora dos Festivais de Outono de Lisboa.